



CONJECTURAS PARA A PESQUISA E ESCRITA ACADÊMICAS EM ARTES EM ANGOLA

CONJECTURES FOR ACADEMIC RESEARCH AND WRITING IN THE ARTS IN ANGOLA

CONJETURAS PARA LA INVESTIGACIÓN ACADÉMICA Y LA ESCRITURA EN LAS ARTES EN ANGOLA

 **Paulino Tchiloia Bimba Lunono**
Mestre em Artes Cênicas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte 
Natal, RN, Brasil
tchiloiallunono@gmail.com

Resumo: Em 2014, em Angola, teve início o funcionamento da primeira instituição de ensino superior em Artes, depois de cinquenta e dois anos de história da universidade no país. A implantação dessa área de saber, além das oficialidades, passa por ensaiar formas próprias de se comunicar os processos respeitantes à criação de obras, bem como a prática da teoria naquele meio. Contando com uma revisão bibliográfica, o presente texto – escrito em forma de diário – ensaia as possibilidades de pesquisa e escrita, no âmbito das artes, no meio acadêmico, para o contexto angolano.

Palavras-chave: pesquisa e escrita em artes acadêmicas; Angola; tipos de pensamento.

Abstract: In 2014, in Angola, the first higher education institution in Arts began operating, after fifty-two years of university history in the country. The implementation of this area of knowledge, in addition to officialities, involves rehearsing specific ways of communicating the processes relating to the creation of works, as well as the practice of theory in that environment. Relying on a bibliographical review, this text – written in the form of a diary – rehearses the possibilities of research and writing, within the arts, in academia, for the Angolan context.

Keywords: research and writing in academic arts; Angola; types of thinking.

Resumen: En 2014, en Angola, entró en funcionamiento la primera institución de educación superior en Artes, después de cincuenta y dos años de historia universitaria en el país. La implementación de esta área del conocimiento, además de oficialidades, implica ensayar formas específicas de comunicar los procesos relativos a la creación de obras, así como la práctica de la teoría en ese entorno. A partir de una revisión bibliográfica, este texto – escrito en forma de diario – ensaya las posibilidades de la investigación y la escritura, en el ámbito de las artes, en la academia, para el contexto angoleño.

Palabras clave: investigación y escritura en artes académicas; Angola; tipos de pensamiento.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

LUNONO, Paulino Tchiloia Bimba. Conjecturas para a pesquisa e escrita acadêmicas em artes em Angola. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 70, p. 1-15, e25319, jul./set. 2024. Ensaio Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n70.25319>



Bairro Zona Verde 3, Luanda, 6/5/2023

Da mais veloz imobilidade, de um tagarela silêncio, meia noite e da minha rua nem mais um chilrear da gente que passa à frente do quintal nem gente que bate para entrar. Devo começar, movi de corpo e pensamento: falta algo que não é coragem para mandar parir o feito em potência.

Apressadamente, paro os passos da desistência do ato que me encaminham à poluente caverna, o quarto. Para lá entro criador e quedo o mais brilhante juiz de todas as coisas feitas e as que estão por se fazer. Uma das lições que apreendi desse juiz é: talvez esteja a querer ser fino demais. Nada fácil seduzir o espírito: n(u)o cri(v)o entre entregar-se ou dar vazão ao prazer da imobilidade, uma voz que veio pra lá das paredes do quarto perdeu-se nos meus ouvidos: páaaraa!... Deito-me, diz a nossa boa gente: amanhã é dia.

Bairro Zona Verde 3, Luanda, 17/6/2023

Tarde, 17 horas e 23 minutos, estático à frente do computador, depois de interromper uma leitura que prazerosamente sabia maçante e incompreensível. Era o Michel Foucault (2014) e “*As palavras e as (suas) coisas: uma arqueologia das ciências humanas*”. Tenho uma escolha, partir para outra leitura ou ir ao supermercado comprar pão. Das imobilidades de que é feito o viver, eis que sou brindado com mais uma paragem: ir ao supermercado? Implica confrontar a elevadíssima probabilidade de ver um daqueles horríveis acidentes de um kupapata e o seu passageiro entalados ou passados (no)a pneu; quase todas as semanas ao longo da estrada para o supermercado, Via Expresso ou Avenida Fidel Castro Ruz, com mais fluxo na cidade que habito, Luanda, sou confrontado com esta imagem.

Na mesma tarde e naquele instante, eis que abro o Facebook para fazer nada e lá está um vídeo, mostra o presidente angolano, João Lourenço, a brincar com um golfinho, algures em Cuba; o seu nome é Nemo. Havia uma doce voz de fundo, talvez narradora, da sua esposa Ana Dias Lourenço. Único comentário que escapa dos atos do pensamento: porraa!, deve ser uma brincadeira milionária, é costume. Propagam as pessoas cristãs que não só do pão vive o homem (incluo todos os gêneros de homens e mulheres, mais os que não caibam); deleito-me nesta mensagem, fico para ler, com o incumprível compromisso de não espiralar de texto em texto. A vez era d’ “*O pensamento em espiral: o paradigma dos povos Indígenas*¹”, título traduzido do original em espanhol, de Victor Gavilán Pinto (2012).

¹ Destaque com maiúscula do autor.

Onde estou? Como e por que razão vim cá parar? Seria um percurso em rizoma? Então, qual seria o meu Uno neste movimento rizomático, Deleuze e Guatari (1996²)? – «Oi, agora ficamos assim: se não te mando mensagem não dizes nada?» É 1 hora da manhã, uma sensação estranha, à madrugada, companhias não solicitadas são atos de terrorismo, este é o consolo do remorso de não, realmente, ter dito nada no cumprimento de um papel, de namorado, que sempre pouco me coube e não ter respondido naquele instante àquela mensagem no WhatsApp. Mais uma vez, o pragmatismo da inteligência das nossas gentes é chamado: dia não mata dia, amanhã, talvez, respondo.

Tenho algo por dizer, em escrita, e devo começar. Olhos míopes atravessando lentes, descalço, pés assentes no chão e sentado, novamente, à frente do computador. Às vezes, quando absortos na fumaça das inquietações, o tempo é generoso, espera por nós. Antes de tudo, pergunto à Lyra (2020): qual seria o meu memorial de desejo? De que lugar(es) emergem as imagens que me sussurram coisas? Yáh, estou imerso no PDF.

Bairro Zona Verde 3, Luanda, aos 9/9/2023

Livros espalhados pela casa, nenhum tem a gentileza de ser convidativo para a digna degustação; o tempo, setembro, está quente e estou a semar um vinho branco. Já é outro dia, o tempo psicológico começou pelo meio do cronológico, apenas aborrecimento. Alguém bate à porta, chegou a Ngueza que me trouxe, à venda, lambula. Não devia ser ela zungueira de vinho branco!? O sono pode ser um bálsamo no tédio, então, antes da visita dos cinco amigos ao sagrado membro, chamo a sua companhia.

Bairro Zona Verde 3, Luanda, 27/9/2023

Chegado do trabalho, ao meio-dia, fome, cansada e digestão das inquietações manifestas pelas alunas e alunos na aula de Atuação que, para as contas iniciais, devia correr bem. Invadiu-me uma daquelas sensações de quando acreditamos que a outra pessoa é estúpida por não compreender o nosso impulso de simplesmente querer amá-la. Bem, neste momento, que a cozinha tenha o melhor acolhimento. O computador a tocar, integram a espiralada seleção musical clássicos de oviritje namibiano, o ugandês Bobi Wine, o angolano Sapalo, entre outros.

² A última edição da obra consultada, da editora mexicana Coyoacán, aparece com o ano de 1966, enquanto a primeira tem a data de 1994. Presumo tratar-se de um erro gráfico; assim sendo, terá sido o ano 1994 da primeira edição e 1996 para a segunda. Foi nesta lógica que fiz a referência.

Entretanto, a panela queima. Parece que não cozinhamos apenas com os olhos e o paladar em ação, outros sentidos, em particular a audição, são mobilizados.

Enquanto, sentado, como, vasculho memórias de conversas que tenho tido com amigos e amigas estudantes de artes, em Angola. Uma das questões que os tem maçado é a questão da pesquisa e a respetiva escrita. Ainda não existe uma iniciação de pesquisa em artes e mal existe em outras áreas de conhecimento. Alguns passos de instituições mais antigas do país, para este desiderato, terão se cristalizado e são estes que inexoravelmente são aplicados para criar trabalhos de fim de curso. Bem, a comida estava um pouco salgada, ainda vou beber um pouco de água.

Uma pausa e a atenção agora está virada para a música que está a tocar no computador:

Mana, colela!

Kokolo dyami, papá!

Ewe ewe ewe, povo!

Ewe ewe ewe, mwangolé, kokolo dyami, papá!

Mana, colela!

Yáh, agora todo mundo tá de fato e contra fato luta quem tem fato

Salú Gonçalves é que narra os fatos

E lá nos ecos ninguém vê os fatos

Zungueira morre, sofre mais um ato

Van Damme, deu go, peculato

Lhe dá! A vida vai andando

Sapatos finos, carros de marca, bofas da cara

Tem cuidado, sinistralidade tá a matar

Catumbela a chuva tá a arrastar, pessoas morrem, casas desabam e a burguesia vem me visitar

Woloo ooo, mana colela!

Woloo ooo, kokolo dyami, papá!

Wawe, povo!

E o próprio povo é que trava o povo

Na internet, povo contra povo

São moralistas, são intriguistas, mas nunca lutam a favor do povo

E os papoites abandonam as tias, catorzinhas, grandes kias

E o people clama pelas autarquias

*Artigo X caiu na pia, mas já sabias que esse mambo era só jajão
E a feijoada veio sem feijão
Jesus Cristo nunca tá a voltar
Temperatura tá sempre a aumentar e os profetas tão a se aproveitar
As igrejas tão a se faturar (...)* (Francis Boy, 2019).

2023 é o ano em curso e esta música de Francis Boy nunca foi tão atual como o é agora. Com perspicácia, captou a bela barrocada dos despudorados tempos político, social e económico que vivemos. Tudo a céu aberto, não ver é querer: a brutalidade dos disparos policiais que distribuem balas – não faltando uma para a zungueira ou para quem protesta a mordaca –, a violência do abandono (Mbembe, 2017), não fazer nada quando se deve e pode, há gente a morrer às portas dos hospitais, os escândalos de corrupção, quase semanais, no executivo. Diria a Francis Boy, que, no peculato, Van Damme dá *go*, mas na *back*, por isso, nada lhe acontece e pode voltar quando a amnésia coletiva se encarregar do passado, muitas vezes, recente.

Bairro Zona Verde 3, Luanda, 11/10/2023

São 10 horas, mais um dia para seguir com as leituras, mas antes devo varrer o quintal. Brinquedos espalhados pelo chão, basculante, martelo, um soldado, uma bombeira, materiais de mecânica, cacos de garrafa e mosaico e, lá num dos cantos do quintal, é a minha amiga de 8 anos absorvida nas suas brincadeiras.

- Bom dia, tio!
- Bom dia, Itcheni!
- O tio tá a varrer?
- Sim.
- Você não tem mulher por quê?
- Como assim!?
- O tio tá a varrer.
- Vejo que estás a brincar de mecânica. Isto é para mulheres?
- Não. Mas o papá é que não aceita me comprar brinquedos de menina; ele fala que assim estaria a me treinar para ser doméstica.

– É, Itcheni. Bem, podes ser o que quiseres, mas as atividades domésticas fazem parte da vida de homens ou mulheres.

Bairro Zona Verde 3, Luanda, 18/10/2023

Fim do dia, já faz perto de dois anos, desde o início do mestrado, que venho pensando nessas questões de escrita e pesquisa nas artes, com muito mais particularidade para as artes cênicas. Mas espero que consiga falar da questão da pesquisa e escrita em artes de um modo geral. Noutro dia, contei sobre as dificuldades vividas pelos meus amigos de licenciatura no que respeita à pesquisa e escrita em artes. Acredito que terei acumulado algumas informações úteis e reflexões para partilhar com todas aquelas pessoas, em Angola, que tenham escolhido como campo de ação as artes. A própria minha experiência como estudante no contexto angolano terá me empurrado para este desdobramento. Faz-se oportuno colocar as seguintes perguntas:

- a) Existirá diferença entre pesquisa em artes e pesquisa científica?
- b) Hverá diferença, se a resposta da primeira pergunta for sim, no modo de comunicar os seus “resultados” (em escrita)?

Enquanto me preparava para esgrimir argumentos sobre as respostas das perguntas que coloquei no último dia, houvera um corte de energia elétrica depois de um chuveiro de 15 minutos. A noite à luz de vela, na sala, não soube àqueles funestos rituais, porque recebi a visita da vizinha Kavenaouveu (ou simplesmente Kavena) que fugiu do tedioso apagão. Partilhamos a mesma origem étnica, dois ovanyaneka, com a diferença de a minha compatriota estar mais ligada às práticas ancestrais. Como jovens de um país de um amanhã imprevisível – ela diz que é por isso, em Angola, uma pessoa compra para si um saco de arroz de 50 kg para um mês (que nunca se sabe quando termina!) –, conversamos sobre as nossas vidas. Melhor dito, das vidas da juventude de um país normal.

Sempre do seu jeito, Kavena, pergunta:

- Por que razão os jovens de agora demoram tanto para casar?
- Ao certo, sendo sincero, não saberia te responder. Mas penso que se trata de outro tempo, o dos nossos pais e avôs foi outro.
- O que quer dizer com “outro”?
- Que, por exemplo, elas e eles não precisavam se formar, ir para uma faculdade, e gladiar por um reconhecimento oficial em algum ofício. Infelizmente, nos tempos atuais temos

muitas etapas a cumprir. Há muito mais rituais que burocratizam a vida; nada nem ninguém (nós jovens) nos deixa sair do espaço liminar. Por isso, os velhos só saem do poder com golpe de estado.

– Vivemos num mundo mais tirânico. Este mundo talvez seja apenas o que enxergo deste país. Quase não há espaço para nós nesta merda! (*suspira*)

– É. Entretanto, acho que casar é apenas se conformar a uma exigência social. Podemos viver sem isso.

– Cada tempo com suas crises, inseguranças e filosofias, não é?

Bairro Zona Verde 3, Luanda, 30/10/2023

Hoje amanheceu ensolarado, decidi aproveitar o resto do dia, depois do trabalho assalariado, para escrever. Começo por comentar algumas das perguntas que tenho me colocado a respeito da pesquisa e escrita em artes. De início, importa pontuar que arte não é ciência. Como assinala Plaza (2003, p. 43),

Arte (produto) não é pesquisa (*stricto sensu*), mesmo que esta faça parte (*lato-sensu*) de seu processo. A pesquisa (procura) de materiais, cores, formas, temas, sons, diagramas, movimentos, enfim, matérias primas e procedimentos heurísticos, etc., se caracteriza como meio e não como fim. O artista, assim, opera como o "bricoleur": "Isto também pode servir".

Ciência e arte são dois modos de conhecer que diferem nas suas operações e fins. A primeira prioriza o raciocínio, reduz os objetos/fenômenos em partes menores para facilitar a operação do cérebro, e assim conhecer a sua “essência”, seja a composição ou a maneira como se interrelacionam as suas partes. A segunda está preocupada com a percepção (ou percepções) que se tem ou pode ter a respeito dos objetos/fenômenos que participam da composição da obra de arte. A razão pela qual à arte não cabe o chavão da resolução de problema(s), que se entende colocar em tudo que seja pesquisa. A ciência é monossêmica, enquanto o resultado produzido pela arte o seu significado é aberto; a arte, no lugar de raciocínio, prioriza a sensação.

Veze sem conta, quando graduandos na faculdade de artes, ouvimos a frase “o teu trabalho não tem nenhuma cientificidade”. Historicamente, a (re)integração das artes como área de conhecimento autônoma às universidades é recente. No contexto angolano, ainda não há estudos em artes, porém, a recente criação do Instituto Superior de Artes, agora Faculdade de Artes da Universidade de Luanda, funcionando desde 2014, deve instigar ao estabelecimento de paradigmas singulares no modo de se conhecer nesta área.

Diferenciar a arte da ciência não é o bastante para que se pesquise e comunique os resultados de modo livre, independente de “métodos” adaptados. Para tanto, distingamos três tipos de pesquisa na própria área das artes: a pesquisa sobre as artes, a pesquisa para as artes e a pesquisa em artes, conforme Fortin e Gosselin (2014). Para a primeira, a autora e o autor dão como exemplo a procura da compreensão das músicas para dançar do século XVIII. Aqui, entendo, há um distanciamento temporal (podendo este distanciamento ser de outro tipo), não há um envolvimento direto entre quem pesquisa e o que é pesquisado. A segunda tem que ver com a compreensão de como as artes se servem de elementos a si exógenos. Estes elementos de fora são estudados enquanto integrantes dos processos artísticos. A última categoria diz respeito aos conhecimentos que são produzidos dentro do fazer artístico. O autor e a autora oferecem como exemplo a busca de compreensão do conhecimento incorporado de um coreógrafo ou artista. E é esta última classe que tem me interessado por entender que é nela onde se insere a maioria dos trabalhos de iniciação de pesquisa na área das artes.

Refletir sobre os processos artísticos é uma atividade de extrema complexidade, visto que, muitas vezes, os materiais que a pessoa profissional da arte utiliza são voláteis. A arte está situada nos limites da linguagem, portanto, escrever/comunicar em artes é falar sobre o indizível. Métodos matemáticos, estruturas lineares de pensamento e escrita ou *métodos* emprestados da filosofia, antropologia, sociologia, entre outras, – a isto Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (2014) chamam de *teorias exógenas* – podem ser estéreis para os objetivos da arte. O empréstimo de teorias à arte destas disciplinas foi um modo de sua (re)integração ao meio acadêmico. Muito de saber (sensível) em arte já foi gerado, por isso, hoje em dia, é possível conceber trabalhos acadêmicos que apenas considerem teorias de dentro.

Pela casa sinto um mau odor... deve ser o lixo orgânico da cozinha que tenho acumulado há perto de 48 horas...

PAUSA

E
N
S
A
I
O



Sair às tardes para deitar lixo tornou-se, nos últimos anos, a tarefa doméstica mais difícil de se cumprir para quem ainda tenha o que comer. Vivemos sob o efeito de uma crise de gestão e/ou financeira, marcadamente, desde 2016; naquele ano, à fome, em Luanda, somou a epidemia da febre amarela que ceifou muitas vidas. Pelas redes sociais circularam vídeos de sobrelocação das casas mortuárias. Muita gente que terá perecido de fome contou para a doença.

Hoje, gatos, cães e pessoas (velhos, jovens e crianças) chafurdam nos contentores de lixo, confiando esta ação à sorte, para ver se encontram comida ou algum objeto de valor. É incauto chegar a alguns passos do contentor e jogar o lixo, há que pedir licença. Pesaroso é constatar que os nossos olhares já se encontram anestesiados para a dramática imagem. Para o dia, já não me resta disposição de seguir com a escrita, o descanso é a opção.

Bairro Zona Verde 3, Luanda, 21/11/2023

Dia de chuva, novembro, e, por algum milagre, não houve corte de energia. Vou aproveitar a manhã para dar seguimento aos rabiscos sobre pesquisa e escrita para o meio acadêmico, para o contexto angolano. Vou faltar ao trabalho, porque um chuvisco é bastante para, nesta cidade, se declarar uma calamidade e as alunas e alunos são parte desta cultura; calcula-se até os metros cúbicos, dos chuviscos às enxurradas, mas nada se faz para evitar sinistros.

As possibilidades de escrita de uma monografia, dissertação e tese, em todas as áreas de conhecimento, são infinitas. As áreas de conhecimento matemáticas, as chamadas *ciências*, em nome da objetividade, mostram-se mais relutantes em termos de flexibilidade da estrutura desses trabalhos. Uma das regras que se cristalizou nas instituições de ensino superior, em Angola, é a impessoalização do discurso de quem redige e o uso da segunda pessoa do plural (mesmo quando não se trata de uma autoria partilhada). Volpato (2015, p. 9) escreve, sobre a impessoalização da redação, referindo-se ao uso da expressão “conclui-se”:

Você retira a pessoa do texto (impessoal): “conclui-se que...”. Note que, ao retirar a pessoa, você está dizendo, implicitamente, que aquela conclusão não depende da pessoa, apenas dos fatos (por exemplo, resultados). Isso é retornar a uma ciência já ultrapassada que assumia que o conhecimento é objetivo porque as conclusões são determinadas por dados objetivos, que não dependem da vontade do cientista.

Para o paradigma positivista e/ou quantitativo, a realidade é objetiva, independe de quem observa. Faz oposição ao paradigma positivista o paradigma pós-positivista, no qual se situam três tradições filosóficas: a fenomenológico/hermenêutica, o pensamento crítico e o

pensamento pós-moderno/pós-estruturalista (Fortin; Gosselin, 2014). A primeira preocupa-se com a descrição da realidade, indo às “coisas-mesmas”, usando uma expressão husserliana; a segunda entende a realidade como constituída por segmentos sociais em relação de poder e dominação, por isso, ela é questionável e mutável; ocupa-se a última do estudo dos fundamentos da ciência, reivindicando a pluralidade de ideias e o reconhecimento do caráter contextual e pessoal das teorias. Como ilustra Volpato (2015), ao prosseguir, cientistas que partem dos mesmos dados podem chegar a conclusões diferentes. Portanto, escrever na primeira pessoa é admitir a possibilidade de existência de outras perspectivas. Acrescenta o autor que em revistas de maior prestígio no mundo encontramos a redação feita na primeira pessoa (o eu) e nas de menor prestígio encontramos o predomínio da segunda pessoa (o nós).

A escrita em arte é, sobretudo, uma escrita da experiência, seja no campo artetnográfico³ ou da criação e fruição da obra de arte. Que explicação seria possível ao nos encontramos tomados pela emoção de estar num lugar antes desconhecido, a maravilha de estarmos mergulhados numa cultura sobre a qual não temos formulado nenhum juízo, quando assistimos a uma boa peça de teatro, quando vemos um belo objeto de arte ou ouvimos uma bela canção, que toca as cordas da alma? Esses exemplos podem ser invertidos para sentimentos contrários. A linguagem (falada) para a arte é uma linguagem débil, despreocupada com a precisão, mas é nesta fragilidade e maleabilidade que atinge camadas profundas do que refere.

A inexorabilidade também se observa nas ciências sociais e humanas, das quais a maioria das teorias da/em arte partem. Inclusivamente, para este último caso, há conceitos tidos como de uso obrigatório. É mister salientar que, como nos lembram Foucault (2014) e Hall (2003), tanto as disciplinas quanto os conceitos [por elas gerados] são criados por ocasião de problemas específicos. Nalguns casos, os conceitos e as disciplinas que os deram origem esvanecem ou reduzem de valor com a idade das circunstâncias ou, ainda, podem mostrar-se apenas aplicáveis a problemas de um lugar específico (o mais comum).

As teorias exógenas não é que não devam ser usadas na pesquisa em arte, seja ela teórica ou de criação, devem ser entendidas, quando usadas, como ferramentas para trazer à consciência o labiríntico processo de concepção de uma ou um profissional da arte. Os conceitos emprestados das diversas disciplinas também servem de combustível para a imaginação da pessoa artista. Todo esforço intelectual empreendido pelos e pelas profissionais da arte, e não

³ Cf. Lyra (2014).

só, no meio acadêmico, tende a projetar luz para as zonas cinzentas do disperso processo de criação e fruição da obra de arte.

Portanto, pesquisar/refletir em arte e comunicar o que se obtém deste exercício implica a aceitação da maleabilidade do “objeto”, qualquer obra de arte, que escapa das mãos. Isso leva à procura de teorias mais abertas o possível, em detrimento de pensamentos lineares. A ideia de *pensamento em espiral* – de Gavilán (2011) – é uma das contracorrentes do pensamento (con)sequencial e linear que domina o processo de construção de conhecimento nas academias. Os eventos, sabemos, nem sempre se mostram de modo linear ou totalmente apreensível pela consciência. A pauta do pensamento linear é a decupagem dos objetos/fenômenos em partes ínfimas e a sua ordenação numa lógica (con)sequencial.

A partir da imagem de espiral, Gavilán mostra como povos indígenas (entenda-se o termo na acepção que se lhe atribui nas Américas) americanos organizam o seu modo de pensar, implicando isso, inclusivamente, uma outra lógica de organização do tempo; e cita, o autor, um adágio dos povos chile-argentinos Mapuches: “Estamos a avançar para o passado e regressando para o futuro.” Gavilán, argumenta que o universo, desde o nível biológico aos eventos da natureza, está organizado em espiral. Prosseguindo, elenca vários princípios de um pensamento em espiral, dos quais, aqui, destaco os três primeiros: princípio da paridade, princípio da oposição complementar e princípio cosmológico.

O primeiro exclui o binarismo presente no pensamento linear, diz respeito à coexistência de elementos contrários. O segundo tem que ver com o sentido de complementaridade de elementos antagonizados, como vida/morte, dia/noite, indivíduo/coletivo, por aí adiante. O último assinala a interdependência dos elementos do cosmo. Nas palavras do autor:

O modelo de pensamento linear é totalmente determinista, como também reducionista toda vez que dispõe o total em pequenas partes, reduzindo as interações entre elas. Considera o todo como composto de partes independentes. O modelo de pensamento linear é hoje contraditório, visto que os novos conhecimentos do mundo contemporâneo revelam que o nosso universo está constituído por sistemas não lineares em seus níveis físico, biológico, psicológico e social. (Gavilán, 2011, p. 16, tradução minha).

A abordagem de fenômenos, na pesquisa, seja de que natureza for, requer maleabilidade, sensibilidade, capacidade de aceitar ruídos, desvios, interpolações, retornos e descontinuidades – sem que nenhum desses movimentos seja politicamente (no sentido mais amplo do termo política) desinteressado –, pois, é assim que o mundo se apresenta aos nossos sentidos. Só compreendendo a complexidade do pensamento – aqui quero dar gancho às ideias de Edgar

Morin – se é capaz de aceitar a infinitude de estruturas da sua reificação num determinado suporte.

O labor de pesquisa, dos trabalhos mais modestos aos mais complexos, requer leitura daquelas e daqueles que nos precederam no estudo do fenômeno no qual queremos abrir novas perspectivas e este exercício é equivalente ao da kamanga. Numa mina de diamante (ou de qualquer outro minério) o kamanguista escava uma grande quantidade de terra que em seguida peneira na esperança de encontrar, pelo menos, uma pedra; algumas vezes o seu esforço é compensado e outras vezes não passa de pura frustração.

Dúvidas, receios, começo, paragens, enxertos, borrões, retornos (incluindo abandono de ideias), deletes... fazem parte do exercício da manifestação do pensamento em escrita. Contudo, o conservadorismo das academias induz à comunicação de ideias com precisão, dando pouco ou nenhum espaço ao incompreendido. O conceito de pensamento complexo proposto por Edgar Morin (2005) também concorre para o entendimento do quão é complexo o processo de construção do conhecimento humano. O complexo, faz saber o autor, é o que é tecido junto. Então, “(...) a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...” (p. 13). Todos estes traços são eliminados, digamos, na comunicação do que se julga saber. Partes que integram um todo são isoladas do seu ambiente, dando lugar ao que Morin chama de *inteligência cega*.

Podemos, também, pensar a estrutura de um texto acadêmico escrito, no âmbito artístico, e não só, como um rizoma, tal qual propõem Deleuze e Guattari (1996). A imagem de um rizoma faz pensar em algo que não tenha princípio nem término, um ente que não cessa com rupturas; ainda que as rupturas existam, essas são capazes de gerar novas unidades, com suas linhas de fuga sempre que se observe um novo rompimento. Enfim, não estou a pregar o caos, nem o rechaço do pensamento linear, quero dizer que é preciso ir além; o pensamento linear, sem dúvida, mostra-se conveniente, sobretudo, para aqueles textos que tenham uma intenção didática.

Penso que os exemplos-argumentos dados para pensarmos numa escrita mais aberta, até aqui, se fazem suficientes.

Um texto de pesquisa em artes deve ser encarado, em si mesmo, como uma obra de arte, daí, a necessidade de se evitar formalismos estéreis à angolana. Os temas, títulos e subtítulos podem ser subversivos. Pode-se admitir nganguelismos, nyanekismos, lingalismos, cokwismos, todas as contaminações do português de Angola, sem discriminação com aspas ou itálico. Além

do uso de expressões da nossa [grande] comunidade imaginada⁴ (Angola), pode-se admitir regionalismos e aqueles falares de coletividades menores, dependendo da delimitação espacial a partir da qual se formula o discurso. A possibilidade de escrita nas línguas angolanas de origem africana não fica descurada.

Mais uma vez, as possibilidades de estruturação de um texto são ilimitadas, basta que tenhamos imaginação. Nunca gostaria de estar na posição de proponente de fórmulas, mas tomo a liberdade de citar aqui alguns exemplos. Há trabalhos teóricos, em artes, cuja estrutura é uma espécie de carta, há textos escritos em forma de diálogo (ficção), outros combinam palavras e imagens (não como ilustração das palavras). O presente texto, ficcional, por exemplo, a sua estrutura baseia-se na ideia de um diário; nesta lógica, cartografou os movimentos da sua própria concepção e as atividades domésticas do autor (professor), tendo como lugar de ação a sua casa.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Editora Schwarcz S. A., 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Rizoma**: introducción. Tradução: C. Cassillas e V. Navarro. 2. ed. México: Coyoacán, 1996.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–17, 2014. DOI: 10.36025/arj.v1i1.5256. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256>. Acesso em: 3 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: António Ramos Rosa. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2014.

GAVILÁN, Victor Pinto. **El pensamiento en espiral**: el paradigma de los pueblos Indígenas. Santiago: Ñuke Mapuforlaget, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. In: SOVIK, Liv (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LYRA, Luciana de Fatima Rocha Pereira de. Artetnografia e Mitodologia em arte: práticas de fomento ao ator de f(r)icção. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 167–180, 2014. DOI: 10.5965/1414573101222014167. Disponível em:

⁴ Sobre o conceito de *comunidades imaginadas*, ver Benedict Anderson (2013).

<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101222014167>. Acesso em: 27 set. 2023.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1–13, 2020. DOI: 10.5965/14145731023820200033. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17759>. Acesso em: 29 set. 2023.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução: Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2017.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2005.

PLAZA, Julio. Arte/ciência: uma consciência . **ARS (São Paulo)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 37-47, 2003. DOI: 10.1590/S1678-53202003000100004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/2899>. Acesso em: 22 set. 2023.

VOLPATO, Gilson Luiz. O método lógico para redação científica. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2015. DOI: 10.29397/reciis.v9i1.932. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/932>. Acesso em: 23 set. 2023.